

A História de São Paulo no Quadro da História do Brasil

EXPOSIÇÃO DO IV CENTENÁRIO DE SÃO PAULO

A PRIMEIRA SECÇÃO, dedicada aos descobrimentos, abre com um grande painel, de autoria de Manoel Lapa, representando a partida das naus do pôrto de Lisboa e a sua chegada ao Brasil. Logo depois do retrato do Infante D. Henrique, mapas antigos mostram a idéia que, no século XV, o mundo fazia da existência de outras terras, além oceano. O primeiro dêles e que merece especial referência é o mapa de 1424 em que aparecem a "Ilha Brasil", a "Antilha" e "Satanazes".

Um retrato de Paolo Toscanelli, que foi com Martinho da Boêmia um dos inspiradores da viagem de Colombo, recorda a grande influência de suas idéias cosmográficas no descobrimento de novos mundos. Vêem-se ainda as bulas papais que atribuíam a portugueses e espanhóis a soberania das novas terras.

A cultura geográfica e a experiência náutica dos portugueses e espanhóis, especialmente dos primeiros, levou-os, já antes das descobertas, a celebrar um acôrdo dividindo entre si as novas terras. Esse acôrdo foi o célebre Tratado de Tordesilhas, que a exposição mostra em painel no texto português e no original no texto espanhol.

Representam-se depois as embarcações da época — naus e caravelas; o modêlo que figura na Secção é de nau; uma armada quinhentista aparece no quadro de Santa Auta, dos princípios do século XVI, atribuído a Gregório Lopes; a página do Livro das Armadas, reproduzida em painel,

mostra a armada de Cabral; a seguir um medalhão, do mosteiro dos Jerónimos, que, segundo a tradição, é o do descobridor do Brasil.

Documento da mais alta importância é a Carta de Pero Vaz de Caminha, o escrivão da armada de Cabral, dando notícia ao Rei D. Manoel I do descobrimento do Brasil. A Carta, datada de Pôrto Seguro e em que se faz a primeira descrição da nova terra e de seus habitantes, aparece exposta no original, estando alguns de seus trechos mais importantes transcritos num painel de Bernardo Marques. Num quadro do século XVI da Escola Portuguesa, de 1506, "A Adoração dos Magos", figura pela primeira vez o índio brasileiro, como incorporado à Cristandade.

Ao passo que descobriram novas terras, os navegantes tomavam conhecimento de novos céus. Deixavam de guiar-se pela Estrêla Polar e passavam a orientar-se pela "Cruz do Sul", a que ainda no século XVI se deu o nome de Cruzeiro do Sul: figuração celeste dos cruzeiros que se plantavam em Portugal nas encruzilhadas dos caminhos — uso êsse que se incorporou à tradição brasileira.

Logo adiante dos retratos de Américo Vespúcio, primeiro cronista e anunciador do Novo Mundo e de Fernão de Magalhães, o primeiro navegante que deu a volta ao mundo, vê-se o mapa do Brasil, de Lopo Homem, de 1519, notável pela riqueza de denominações geográficas, demonstrando um conhecimento avançado da

costa brasileira e pela representação da flora, da fauna e de costumes dos aborígenes. A seguir ao Padrão de Cananéia, contemporâneo da época dos descobrimentos, um painel reproduz passos do regimento da Nau Bretoa, em que se recomenda o bom tratamento dos indígenas.

Nesta Secção, figuram ainda uma representação estilizada da Rosa dos Ventos, complemento indispensável dos mapas náuticos, e a reprodução da estátua orante de D. Manoel, que se acha no portal do mosteiro dos Jerónimos, acompanhada das imagens do Infante Santo Dom Fernando, padroeiro do Império Português, e de São Vicente, padroeiro das navegações. A Secção termina com originais e cópias dos primeiros mapas do Brasil desde a chamada carta de Hamy até a de Gaspar Viegas, com mapas demonstrativos, acompanhados das identificações propostas por Armando Cortesão.

Na SEGUNDA SECÇÃO agrupam-se os elementos representativos das três culturas que, fundindo-se, deram origem ao povo brasileiro: do índio, do europeu e do negro.

A parte relativa ao índio mostra como viviam os primitivos habitantes do Brasil, dos quais os portugueses aprenderam muitos usos necessários à sua sobrevivência na nova terra. Num primeiro painel, reproduzem-se algumas das ilustrações do livro de Hans Staden, artilheiro alemão que, tendo naufragado, viveu no século XVI entre as tribos do litoral paulista. Acompanham essas ilustrações fotográficas de usos em voga nos agrupamentos tupi de hoje, bem como armas e outros instrumentos.

Objetos de cerâmica, couros pintados, adornos de penas, máscaras e bonecas, além de um acampamento de verão, dão idéias da capacidade de indústria e do senso artístico dos índios, os quais, além disso, possuíam conhecimen-

tos geográficos e capacidade de orientação, que os tornaram elementos indispensáveis ao adventício.

O povo português, por seu turno, resultou de civilizações muito antigas, representadas em uma série de painéis nos seus documentos fundamentais, a par das manifestações culturais que surgiram na Itália, França, Holanda, Inglaterra e Espanha.

Mapas, painéis, livros, quadros, imagens de santos, outro modelo de nau, instrumentos náuticos, como o astrolábio e a balestilha, mostram a seguir as expressões fundamentais da cultura portuguesa: a integração nacional, representada pelo "Livro das Ordenações Manuêlinas"; o povo entregue ao trato da terra, como aparece nas ilustrações do "Livro de Horas" de Dom Manuel; o gôsto da navegação e do comércio marítimo, que se vai acentuando e dá origem a vasta produção no campo literário, artístico e científico; a inspiração missionária, que depois de ter produzido dois grandes Santos populares — Santo António e São Pedro Gonçalves Telmo — se lançou, através das ordens religiosas, à criação de uma nova cristandade no Oriente, na África e na América. Entre os painéis salientam-se um do Grão Vasco sobre a Criação do Mundo (1503) onde pela primeira vez figura um psitacideo; a Santíssima Trindade, de Cristovão de Figueiredo, da 2ª metade do século XVI, e um quadro igualmente quinhentista, representando a Senhora da Misericórdia, alusivo aos hospitais do mesmo nome, criação típica dos portugueses filiada, no culto do Espírito Santo.

A TERCEIRA SECÇÃO é dedicada à Fundação de São Paulo, aos seus antecedentes e ao pré-bandeirismo.

O mapa e o respectivo texto de Alonso de Santa Cruz, extratado do "Yslario General", mostram como antes de 1530 já os portugueses tinham em São Vicente um

centro de elaboração de uma cultura luso-tupí e um ponto de partida para explorações do interior.

O painel seguinte lembra a ação dos primeiros povoadores, entre os quais João Ramalho, patriarca do Campo, cuja aliança de família com o cacique Tibiriçá teve decisiva importância como alicerce da ação de Martim Afonso, tão bem conhecida pela narrativa de Pero Lopes.

Martim Afonso, cujo retrato se reproduz conforme o original da Galeria dos Vice-Reis em Goa, deu fôro de Vila a São Vicente e, transpondo a serra, na mira de abrir por terra o caminho para o Rio da Prata, fundou a primeira Piratininga, cuja duração foi efêmera. A importância que em Portugal, então sob o governo de D. João III, figurado em quadro contemporâneo, se dera à expedição de Martim Afonso é ilustrada pela carta da Imperatriz D. Isabel, que se mostra em "fac-simile".

Segue-se uma bela cópia do mapa de Gaspar Viegas (1534), onde se registam os novos conhecimentos geográficos adquiridos com a expedição de Martim Afonso e onde figura, ainda que inominado, o Tietê. Ao lado, um grande mapa demonstrativo, marca o traçado de algumas destas iniciativas expediçionárias, também representadas em painel.

Vasta documentação cartográfica se expõe a seguir, toda referente ao período que vai desde Martim Afonso até o fim do século de quinhentos. Destacam-se pela sua importância, o mapa de Bartolomeu Velho (1562), onde se representam os resultados das primeiras penetrações dos vicentistas até Assunção do Paraguai, desde 1550, com o traçado do Paraná, o seu afluente da margem esquerda, o Pequerí, o Salto do Guairá e os afluentes do Paraná e do Paraguai, que levam a Assunção; as figurações coloridas dos portos e vilas de S. Vicente e Santos, do Rio de Janeiro, da Bahia e de Pernambuco (1574); e, por último, o

mapa de Luís Teixeira, de cerca de 1587, em que figura o Brasil repartido em Capitanias e um traçado do Paraná, com os seus afluentes da margem esquerda — o Nembí (Anhembí), Paranapanema, Ivaí, Pequerí, Guaici (Iguacú).

Nos painéis seguintes, alude-se aos atos administrativos de Tomé de Souza na Capitania de São Vicente e ao grande precursor jesuíta, Padre Leonardo Nunes. Novo painel, dedicado ao Padre Manoel da Nóbrega, cujas virtudes e fecundos empreendimentos, especialmente o seu ato inicial do batismo dos catecúmenos a 29 de agosto de 1553, são postos em relêvo.

Um grande painel de Manuel Lava figura a missa, rezada pelo Padre Manuel de Paiva, a 25 de janeiro de 1554, no dia da Conversão do Apóstolo que deu nome à cidade de São Paulo e no local que se passou a chamar Pátio do Colégio. A esquerda desse painel está o mais verídico dos retratos de Anchieta, a cuja ciência, virtudes e santidade, se rende homenagem.

Merece um lugar à parte a figuração da economia primitiva das vilas de São Vicente e São Paulo, com as marcas usadas para gado e o nome de seus proprietários, as plantações de cana, trigo e mandioca. Aí está, em sua forja, o Irmão Nogueira — o "Ferreiro de Jesus Cristo" — o primeiro que trabalhou em São Paulo.

Porta e caminho mais certo e seguro do sertão, para onde corriam as águas do lendário Tietê, São Paulo destinava-se a ter papel decisivo na formação territorial e cultural de nossa Pátria. Sua privilegiada posição geográfica determinou a transferência dos moradores e do poder civil da vila de Santo André da Borda do Campo — primeiro núcleo municipal do Planalto — para a povoação de São Paulo de Piratininga (1560). Figurações em relêvo, da escultora Irene de Almeida e Vasconcelos, assinalam a singular im-

portância que assume na história de São Paulo a criação da vila com o tradicional levantamento do pelourinho e a instalação da Câmara Municipal, futuro baluarte das liberdades locais e da formação do espírito de independência.

Termina a Secção com algumas cartas relativas ao pré-bandeirismo. Em vitrinas, expõem-se documentos originaes referentes a Martim Afonso, Pero Lopes de Souza, à doação das capitãrias de São Vicente e Santo Amaro, a Braz Cubas, Tomé de Souza e Luís de Góes, e cartas originaes dos Padres Manuel da Nóbrega e José de Anchieta. Finalmente, verdadeiras relíquias — rias batismas, a lápide funerária de Afonso Sardinha e sua mulher, dois pedaços do pelourinho de São Vicente — contribuem para a reconstrução de um passado glorioso.

A QUARTA SECCÃO, consagrada a São Paulo e à formação do bandeirismo, mostra como se constituíram as primeiras bandeiras e o caráter militar de que se revestira de início, conforme o demonstram a transcrição de vários trechos do Regimento de Ordenanças e outros textos sobre a sua existência na Índia e no Brasil.

Três mapas, em painéis, tornam patente que os índios conheciam e praticavam os caminhos fluviais e os varadouros onde se davam enlances hidrográficos das grandes bacias — vias naturais de difusão cultural e — mostram as zonas de formação de fronteiras: montanhas, trechos encochoeirados de rios e grandes pantanais, que puseram obstáculos quase invencíveis à expansão bandeirante.

Armas quinhentistas e seiscentistas, contemporâneas portanto dos bandeirantes: arcabuzes de mecha e de roda, couraças, capacetes, lanças, espadas e adagas, além de mapas, figuram a seguir. Um diorama representa os bandeirantes com seus vestuários típicos.

Majestoso painel, de Manuel Lapa, mostra a bandeira em marcha, desde o momento da partida. Rompendo a selva, descendo rios, transpondo as corredeiras, vão os bandeirantes desbravando as novas terras e fixando a configuração geográfica do Brasil. No último trecho do painel, vêem-se os bandeirantes em luta com os Guaicurú, índios cavaleiros de Mato Grosso, que constituíram, com os Paiaçuá, um dos maiores adversários à marcha dos paulistas.

Em mapas especiais recordam-se as grandes bandeiras, como a de André Fernandes e Pedro Domingues, ao Tocantins, Araguaia e São Francisco; e as de Raposo Tavares, ao Guairá, ao território dos tane, hoje Rio Grande do Sul, a participação, com sua companhia, na retirada de Luís Barbalho Bezerra, na Guerra com os Holandeses, e a grande bandeira que de São Paulo, baixando o rio Grande, o Mamoré, o Madeira e o Amazonas foi ter a Belém do Pará.

Fotocópias de alguns mapas originaes assinalam, na cartografia da primeira metade do século de seiscentos, os grandes avanços dos conhecimentos geográficos provocados pelas bandeiras paulistas.

Em vitrinas apresentam-se atlas originaes de João Teixeira, do século XVI.

Painéis e documentos, como por exemplo originaes das atas da Câmara, recordam a vida em São Paulo na época das bandeiras; a fundação das igrejas e conventos e a expansão do povoamento.

Duas maquetas reproduzem edificações típicas da época: a igreja de São Miguel e o sítio de Santo Antônio, em São Roque.

Vêm em seguida, retratos de grandes vultos, entre outros Salvador Correia de Sá, Conde da Autoguaia, Príncipe de Nassau, Padre Antônio Vieira, além de um painel representativo da Batalha de Guararapes, que selou a sorte do domínio holandês no

Brasil, quadros de Franz Post e numerosa cartografia holandesa.

A QUINTA SECÇÃO ilustra a expansão mineradora dos paulistas. Descobertos ouro e pedras preciosas, fixam-se os bandeirantes junto às minas, dando-se assim novo elemento à unificação do território e ao seu povoamento. O Brasil toma, com a súbita riqueza, a consciência de uma entidade social e política, capaz de governar-se a si própria.

Fernão Dias Pais, o Governador das Esmeraldas, rompe a Mantiqueira e inicia o povoamento de Minas Gerais, Bartolomeu Bueno, pai e filho, abrem o caminho de Goiás; e Cuiabá, graças à descoberta de Pascoal Moreira Cabral, passa a figurar nos mapas como grande região aurífera.

Um grande painel, de Clovis Graciano, representa o trabalho nas minas, fixando em detaine suas varias fases. Junto dele se encontra, alem de uma arca da Tesouraria da Fazenda Real, notável coleção de instrumentos empregados nas catas, tais como bateias, almocafres, um baú e almofariz. Ao lado, maquete das lavras nos morros.

Numerosos documentos ilustram o ciclo da expansão mineradora, salientando-se entre elles o do tempo de Felipe III dando aos moradores do Brasil concessão para livre exploração das minas (1619); os de D. João IV, sobre a fundação de uma Casa da Moeda em São Paulo e as cartas régias dirigidas aos grandes bandeirantes paulistas, incitando-os ao descobrimento das minas. Os visitantes terão conhecimento, ainda, da carta original de Pascoal Moreira Cabral a D. João V sobre as minas de Cuiabá.

A Secção é especialmente rica em documentos cartográficos, merecendo particular atenção os relativos à fundação — auxiliada pelos paulistas — da Colônia do Sacramento (1678-1680); os referentes à ação de Domingos Jorge Velho; o mapa das povoações mineiras de origem paulista e sobretudo a coleção de autênticos mapas traçados por ban-

deirantes e sertanistas. Várias outras cartas dão idéia do pormenorizado e seguro conhecimento que os paulistas tinham de regiões como a do São Francisco, a do Rio das Velhas, Rio Doce e Alto Paraguai.

Outros documentos ilustram a criação da Capitania de São Paulo (1709); a sua importância como centro de irradiação para as regiões mineradoras; a crescente utilização dos caminhos de gado que, do Sul, demandavam as Minas; o desenvolvimento da navegação costeira com base no porto de Santos — fatores decorrentes da singular posição de São Paulo como capital geográfica dessas vastas regiões. Ilustra-se o desenvolvimento demográfico da Capitania, com a fundação de novas vilas, como a de Sorocaba.

Um painel de Arcindo Madeira recorda as lendas do Tietê e um grande mapa em relêvo mostra a estrada fluvial das monções. Junto, está o batelão das monções, remanescente dos que, partindo de Porto Feliz, iam abastecer as minas de Cuiabá.

Na última parte da Secção recorda-se a fundação da diocese paulista, em 1745. Vêem-se os retratos do Papa Bento XIV e dos dois primeiros bispos de São Paulo: D. Bernardo Rodrigues Nogueira e D. frei Antônio da Madre de Deus Galvão; a bula "Candor Lucis Aeternae" e outras sobre a criação do Bispado e seu primeiro bispo, além de importante documentação relativa à Sé Catedral de São Paulo. Através de grande cópia de imagens contemporâneas e objetos de adorno litúrgico, oratórios, tocheiros, símbolos do Divino Espírito Santo, representa-se a intensa vida religiosa da época. Um último painel, de Tarsila do Amaral, focaliza a procissão de "Corpus Christi", em São Paulo, nos meados do século XVIII, com toda a pompa de que se revestia e na qual se conduzia, a cavalo, a imagem de São Jorge, exposta na parte final da Secção.

A SEXTA SECÇÃO — São Paulo e a Formação dos Limites do Brasil — situa a fase em que,

graças à renovação da cultura em Portugal durante os reinados de D. João V, D. José I e D. Maria I, cujos retratos aí figuram, pôde a metrópole dirigir com eficácia a definição e defesa dos justos limites, do Brasil, fase em que novamente São Paulo assume principal importância.

Os primeiros painéis referem-se à renovação da cultura astronômica, geográfica e cartográfica a que se procedeu em Portugal e no Brasil e à reforma dos métodos de educação, fundação da Real Academia de História, bem como à influência crescente dos "estrangeirados", entre os quais se destaca o grupo de brasileiros, composto quase todo de paulistas, que passam a atuar decisivamente no campo cultural e na diplomacia. Expõem-se em vitrinas, obras dos vultos mais importantes da época, inclusive de Tereza Margarida da Silva e Horta, primeira romancista brasileira, e seu irmão Matias Aires, autor das "Reflexões sobre a vaidade" e de Antônio José da Silva, o autor teatral que retomou a tradição de Gil Vicente.

Da importância da renovação da cultura pedagógica, técnica e científica dizem as obras de Verney e Ribeiro Sanches, trabalhos dos engenheiros militares e a "Lusitânia Astronômica" do Padre Domingos Capaci. Esse sacerdote, com o Padre Diogo Soares, constituiu a célebre missão dos Padres Matemáticos (1729) encarregada de fixar, por longitudes observadas, a posição do Meridiano de Tordesilhas.

Em painel, vê-se o bellissimo trecho do Sermão de Nossa Senhora do Destêrro, do Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, em que pela primeira vez se traduz o sentimento da Pátria brasileira.

Grande parte desta Secção é dedicada à ação científica, política e diplomática de Alexandre de Gusmão, paulista de Santos, que preparou as bases do Tratado de Madrid e dirigiu as negociações que definiram os justos limites do Brasil. Um painel representa um dos momentos destas negociações, ao

mesmo tempo que se expõem várias obras do estadista, o Mapa das Côrtes, que acompanha o Tratado, e outros documentos relativos à demarcação das fronteiras.

Tais esforços no campo político e diplomático exigiram correspondente preparação militar; construíram-se fortalezas e cuidou-se especialmente dos caminhos. O Morgado de Mateus, cujo retrato a óleo figura nesta Secção, como primeiro governador da Capitania restaurada, promoveu a reorganização das forças militares — o que se ilustra em diorama, tendo por fundo a cidade de São Paulo — e as utilizou nas defesas das fronteiras do Sul, fundando ainda a Fortaleza de Iguaçu, glória e sorvedouro de vidas paulistas. A importância desta fortaleza demonstra-se numa vasta coleção de mapas. Vê-se também uma planta de Santos mandada executar pelo mesmo capitão general e a maquete do forte de Bertioga no século XVIII.

Recorda-se, por último, com um painel de Artur Jorge e farta documentação cartográfica, além de aquarelas originais e da apresentação de algumas obras, a ação magnífica de, entre outros, Alexandre Rodrigues Ferreira, com a sua "Expedição Fisológica", e de Francisco Lacerda de Almeida, primeiro engenheiro paulista, que tanto contribuíram para o conhecimento científico do território brasileiro.

A SÉTIMA SECÇÃO — Referente a São Paulo e a Independência do Brasil, expõe os antecedentes, preliminares e o próprio episódio de 7 de setembro de 1822.

Apresentam-se em primeiro lugar as leis e ordens expedidas para o Brasil e que, criando novas instituições, como por exemplo a Relação do Rio de Janeiro, o Exército Colonial, as Juntas do Comércio e o Correio Geral, aqui iniciaram uma estrutura administrativa mais avançada. Ao mesmo tempo houve acentuado progresso no campo do ensino, salientando-se a criação do Colégio dos Franciscanos de Olinda,

primeiro instituto de grau superior do Brasil e que se mostra em reprodução fotográfica.

Em seguida encontra o visitante, como representação das últimas manifestações artísticas dos tempos coloniais, a reprodução, em fotografias e moldagens, de algumas das obras de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, que, embora dentro das tendências de seu tempo, revela profunda originalidade, expressão de capacidade criadora da Nação que se formava.

Prosseguindo, vêem-se cenas e figuras do primeiro movimento que visou a Independência do Brasil — a Inconfidência Mineira, representada num bloco escultórico do artista Quirino da Silva, e documentos relativos ao acontecimento.

As ilustrações seguintes dão idéia da vida em São Paulo no fim do período colonial. Um painel, de Nelson Nobrega, fixa as atividades econômicas da Capitania, pondo em relêvo a indústria canavieira e o importante papel do tropeiro. Entre os objetos expostos destacam-se um aviamento de farinha, oriundo da região de Ubatuba, e um almoçariz que pertenceu a Pedro Taques, além da maquete de um engenho de açúcar, de Ilha Bela. A vida artística tem sua representação em alguns dos trabalhos do notável pintor padre Jesuino de Monte Carmelo. Vê-se ainda o retrato do memorialista José Arouche de Toledo Rendon.

Sucedem-se os painéis relativos à vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil, o que, ao lado das profundas modificações verificadas no campo da produção e do comércio, na legislação e jurisprudência, produziu notável surto nas atividades intelectuais. Expõem-se, entre outros, os retratos de D. Maria I e D. João VI, do Visconde de Cairú e do Marquês de Barbacena; documentos sobre a criação do Conselho de Estado, abertura dos portos, criação da Imprensa Régia; gravuras do Rio de Janeiro; do Jardim Botânico e do convento onde primeiramente funcionou a Biblioteca Nacional, criada por D. João VI; exemplares de jornais e obras lite-

rárias e artísticas contemporâneas.

Vasto material refere-se a São Paulo, especialmente à Capital, na época do Brasil-Reino. Entre os retratos vêem-se os do bispo D. Mateus de Abreu Pereira e do Visconde de São Leopoldo.

Entre os objetos, um tear, ladeiras, trajes, armas e uniformes. Notável coleção de aquarelas originais do pintor austríaco Thomas Ender, reproduz aspectos da vida em São Paulo contemporâneo da Independência.

A parte final da Secção é dedicada à Independência e seus pródromos, a partir da Revolução Pernambucana de 1817 e da revolução constitucionalista que se deu em Portugal em 1820. Vêem-se retratos e documentos que recordam a ação de José Bonifácio, Clemente Pereira, Martim Francisco, dos deputados paulistas às Côrtes de Lisboa, nos acontecimentos ligados à partida de D. João VI. Grande painel fotográfico do quadro de Pedro Américo, evoca o Grito do Ipiranga, vendo-se juntamente objetos que recordam o glorioso episódio.

A OITAVA SECÇÃO — São Paulo no Império — focaliza a história de São Paulo e do Brasil desde a proclamação da Independência até a República.

Feita a independência política do País, tratou-se da consolidação jurídica do Império, apesar do clima de agitação decorrente do impulso revolucionário. Expõem-se, de início, documentos relativos à Assembléa Constituinte, à sua dissolução por D. Pedro I e à Constituição outorgada pelo monarca, reproduzindo-se uma cena da Assembléa Legislativa a seguir convocada; aspectos do Rio de Janeiro na época, retratos e autógrafos completam o quadro.

Mostra-se em seguida o período de agitações que culminou com a abdicação do primeiro Imperador em favor de seu filho, e o ativo papel da Imprensa nesses acontecimentos, expondo-se um exemplar do jornal "Aurora Fluminense", de Evaristo Ferreira da Veiga, o texto da abdicação e um retrato de D. Pe-

dro II ainda menino. Seguem-se as ilustrações e os documentos relativos às lutas da Regência e à ação relevante de Diogo Antônio Feijó, a criação da Guarda Nacional e as principais iniciativas de caráter político e administrativo dessa fase da vida brasileira.

Em subsecções mais particularmente dedicadas à história paulista no período de 1822 a 1840 tem o visitante, em seguida, oportunidade de apreciar gravuras e peças de interesse para o conhecimento do progresso material e cultural da província: entre êles, a moenda de cana construída na Fábrica do Ipanema e maquete de uma fazenda de café em São José do Barreiro, além de documentos, gravuras, e fotografias que lembram a instalação da Academia de Direito, reproduções de desenhos originais de Miguel Dutra e exemplares dos primeiros jornais e dos primeiros livros impressos em São Paulo.

Os acontecimentos políticos do Segundo Reinado são a seguir postos em foco, exibindo-se mapas, retratos, gravuras, peças e documentos relativos à Revolução Liberal de 1842, às guerras contra os ditadores Rosas e Lopez — destacando-se desenhos de planos de batalhas — e às grandes campanhas abolicionista e republicana. Outras peças referem-se ao desenvolvimento material e cultural do País na época, salientando-se as relativas à inauguração da primeira estrada de ferro, iniciativa de Mauá, e às atividades que marcaram com caráter autônomo as letras e as artes brasileiras.

Mostram-se depois aspectos da evolução política, econômica e cultural da Província de São Paulo, de 1840 a 1889, pondo-se em relêvo a atuação da lavoura cafeeira, através de um mapa e de um expressivo painel do pintor Di Cavalcanti; a passagem dos meios primitivos de transporte e condução — simbolizado aqui por um banguê de meados do século passado — para o transporte fer-

roviário; a introdução dos primeiros colonos livres e o comêço da campanha pela imigração de trabalhadores europeus; e as figuras de paulistas ou ligadas a São Paulo que se destacaram no plano do pensamento, das letras e das artes: o historiador Varnhagem, os poetas românticos, o compositor Carlos Gomes, o pintor Almeida Júnior.

A NONA E ÚLTIMA SECÇÃO — São Paulo na República, principia com a proclamação do Novo Regime. Evocam-se vultos e documentos ligados aos acontecimentos de 1889 e à primeira Constituinte Republicana. Segue-se uma fotografia do juramento da Constituição Republicana, em 24 de fevereiro de 1891. Apetrechos de montaria recordam a Revolução Federalista do Rio Grande do Sul. Uma gravura do arraial de Canudos lembra a campanha contra os fanáticos de Antonio Conselheiro, nos sertões da Bahia.

Ao lado do Marechal Deodoro, primeiro Presidente da República, vêem-se os retratos dos que ocuparam a suprema magistratura nos primeiros quadriênios: Floriano Peixoto, Prudente de Moraes, Campos Sales e Rodrigues Alves. Focaliza-se a ação dos três grandes presidentes paulistas, e seus reflexos na pacificação do País, consolidação do regime, saneamento financeiro e as grandes obras que mudaram a feição do Rio de Janeiro e baniram a febre amarela, com o concurso de urbanistas e higienistas. O Barão do Rio Branco, de que se vê um busto nesta Secção, encetava ao mesmo tempo a notável obra diplomática que deu ao Brasil sua definitiva configuração física.

Os expoentes da geração que se tornou ilustre com a República, nas letras e na jurisprudência, são recordados logo em seguida, vendo-se seus retratos e algumas de suas obras.

O desenvolvimento econômico de São Paulo é fixado em grande mapa. Representa-se o embar-

que de café no pôrto de Santos, em princípios dêste século. Vêm-se gravuras da Escola Agrícola de Piracicaba e da primeira Usina da Light; ao lado, os retratos do Presidente Jorge Tibiriçá, do Secretário da Agricultura Carlos Botelho e do grande realizador Luís de Queiroz.

Um painel, de Estrêla de Faria, é dedicado à imigração e recorda os vários grupos humanos que se integraram na comunhão paulista, oriundos de quase tôdas as partes da terra.

O feito de Santos Dumont, conquistando o domínio do ar, é lembrado por um retrato do insigne brasileiro, reproduções de seus aparelhos de vôo, o seu livro "Dans L'Air" e o motor da "De-moiselle".

Recorda-se a reconstrução do Caminho do Mar e o progresso científico assinalado em São Paulo, com a criação do Instituto Butantã, Hospital de Isolamento e Faculdade de Medicina. Retratos de D. Miguel Kruse, pioneiro no campo do ensino superior; Vicente de Carvalho, Amadeu Amaral, Monteiro Lobato e do arquiteto Ramos de Azevedo, evocam figuras que tiveram decisiva influência nas artes e na literatura. O importante movimento denominado Semana da Arte Moderna, em 1922, é também lembrado nesta parte da Secção.

Três painéis com reproduções fotográficas focalizam a rápida transformação da cidade em grande metrópole. Aí aparecem os primeiros bondes elétricos; realizações urbanísticas, a construção de novos viadutos, obras de ajardinamento, os grandes edifícios e as modernas avenidas. Outro painel, de Arnaldo Pedroso d'Horta, assinala em linhas abstratas o advento das modernas técnicas na indústria de São Paulo. Finalmente a cidade de hoje num grande painel.

Distribuídos pelas várias Secções, encontram-se duas séries de mapas levantados pela Exposição de História: uma representando, por períodos de 25 em 25 e de 10 em 10 anos, a marcha do desbravamento e ocupação do território paulista; outra, revelando, de século em século, o crescimento da área urbana da Capital de São Paulo, além de um mapa em que se demonstra a subdivisão da propriedade, a partir das primeiras grandes sesmarias.

O painel decorativo de Fernando Lemos, que o visitante encontra no "hall" da Exposição evoca poeticamente em imagens plásticas o esforço criador de São Paulo e mostra como as construções na cidade moderna se identificam, de certa forma, com a pujança da selva nativa decantada pelos descobridores e cronistas.

B. HERZOG COMÉRCIO E INDÚSTRIA S.A.

Av. Marechal Floriano, 6-13º/15º

Rua Florêncio de Abreu, 353

RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO

Telefone 23-1725

Telefone 33-4114

End. Teleg. "BEZOG"

Produtos Químicos Industriais, Farmacêuticos e Analíticos
Bicicletas, Motocicletas e Acessórios

FÁBRICA DE ARTIGOS PLÁSTICOS POR INJEÇÃO E EXTRUSÃO

As consultas são prontamente atendidas. Mantemos grandes estoques para pronta entrega